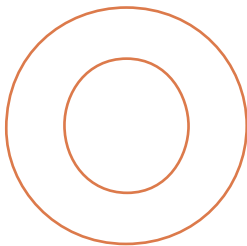




FELICIOQUÊ?

Algum bem-estar sempre é possível, e até podemos ter momentos bonitos, exitosos ou alegres. Mas a felicidade é uma condição que não está ao alcance do ser humano

POR MARIA JOSÉ TONELLI



s seres humanos não são felizes. Quando muito podemos experimentar momentos de certa alegria ou satisfação, mas a felicidade nos é interdita. Quem nos faz essa afirmação contundente é Sigmund Freud, no clássico

O mal-estar na civilização, que teve sua primeira edição em 1930. Passados quase 85 anos dessa fabulosa publicação, podemos questionar se a discussão ainda é contemporânea. Continuamos fadados à condição de infelizes?

Vamos aos motivos que levaram o famoso autor vienezense a concluir que a felicidade não é possível. São pelo menos três grandes argumentos que se entrelaçam: a superioridade da natureza sobre a condição humana, a inevitabilidade da morte e as relações entre as pessoas.

CONDIÇÃO HUMANA

Nascemos chorando e morremos sozinhos. Para fazer frente a essa condição, os humanos foram, ao longo da História, construindo meios para um enfrentamento que, se não a resolve completamente, pode criar alguma forma de bem-estar.

NASCEMOS CHORANDO E MORREMOS SOZINHOS. NÃO É POSSÍVEL FUGIR A ESSA CONDIÇÃO. AINDA QUE TENTEMOS ENFRENTÁ-LA

A Engenharia mostrou-se capaz, por exemplo, de propor ações concretas para minimizar os efeitos de terremotos, mas não temos conseguido evitar os tsunamis, infelizmente. Com auxílio das Ciências Biológicas, criam-se medicamentos contra o câncer e outras doenças graves, que permitem prolongar a vida ou atenuar o sofrimento físico. E o Direito elabora regras que organizam os deveres e direitos dos cidadãos. Disciplinas mais recentes, como a Administração e a Psicologia, também ajudam a organizar o mundo em que vivemos. Mas a natureza continua superior, a morte implacável e as relações entre as pessoas cada vez mais permeadas por complexidades. É possível eliminar essas questões apontadas por Freud? Argumentar que não existem?



A ERA DOS EXTREMOS

Para não ir tão longe em um passado que a História nos mostra totalmente marcado por conflitos, vamos pensar apenas neste último século. O século 20 teve em sua primeira metade duas guerras mundiais, seguidas de um breve período (pelo menos no Ocidente) de esperança nos anos dourados, e terminou com crises econômicas nos anos 70, 80 e 90.

Interpretando esse século permeado por catástrofes e crises, o historiador Eric Hobsbawm (1917–2012) nos diz que o extraordinário desenvolvimento econômico do período trouxe mudanças profundas na forma de viver. Apesar da explosão da bomba atômica, fomos seduzidos pelas possibilidades do desenvolvimento técnico-científico. E a democracia, apesar de permanentemente ameaçada, felizmente se

**O MODELO DE DESENVOLVIMENTO
CONTEMPORÂNEO NÃO É
SUSTENTÁVEL. QUE LUGAR HÁ PARA
FELICIDADE NESSE CENÁRIO?**

consolidou como modelo ideal de organização política do mundo ocidental.

Mas se do ponto de vista social valores como democracia, direito das mulheres e igualdade racial – para citar apenas alguns – são fundamentais, o modelo de desenvolvimento contemporâneo não parece sustentável.

PARA GARANTIR UM MÍNIMO DE BEM-ESTAR, PRECISAMOS DE SOCIEDADES JUSTAS E DEMOCRÁTICAS. SEM ELAS, RETORNAMOS FACILMENTE À BARBÁRIE

O irreversível derretimento das geleiras nos polos mostra que o planeta não irá aguentar. Terremotos são hoje associados com a exploração do petróleo. Neste começo de século 21, ao lado de um crescente desenvolvimento econômico em diversos países, o mundo enfrenta guerras em muitas partes, fenômenos climáticos arrasadores e o aumento da distância entre ricos e pobres, mesmo em países que já alcançaram melhorias nas condições de vida. São fatos que os jornais apontam diariamente. Qual o lugar para a felicidade nesse cenário?

QUADRILHA

Mas vamos deixar em suspenso a complexidade do nosso sistema econômico e social, a natureza e a morte. Pensar apenas na vida, nas relações entre as pessoas, e colocar a mesma pergunta: é possível ser feliz? O poeta Carlos Drummond de Andrade nos parece essencial neste momento, já que os desejos nunca são recíprocos:

“João amava Teresa que amava Raimundo / que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili / que não amava ninguém. / João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento, / Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia, / Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes / que não tinha entrado na história.” *Quadrilha*, 1954.

Amores, desamores, inveja, rivalidade, disputas por poder, tristeza, depressão, competição, ciúmes e ira marcam, indiscriminadamente, a vida humana individual e coletiva. Ninguém escapa: crianças e velhos, jovens e adultos, ricos e pobres, homens e mulheres, gays e héteros, judeus e palestinos, chineses, dinamarqueses, sul-africanos, brasileiros ou quaisquer outros povos.

AGRESSIVIDADE

Mesmo que a propriedade privada fosse eliminada, contradições de classe dissipadas e a igualdade econômica fosse viável, os humanos continuariam a disputar

em decorrência de uma eroticidade que lhes é peculiar, diz Freud. Cada humano transborda em sexualidade e agressividade para além de suas próprias necessidades de sobrevivência. É essa mesma energia, entretanto, que pode ser deslocada para a construção de outra sobrevivência: a coletiva.

Toda sorte de emoções permeia a vida cotidianamente e os humanos precisam negociar, de modo permanente, suas necessidades com os fatos que a realidade lhes impõe. O trabalho, as organizações, inúmeros aditivos artificiais e outros componentes da vida moderna supostamente ajudam nessa tarefa.

ÊXITOS POSSÍVEIS

Mas não vamos terminar tristemente esta conversa. Algum bem-estar sempre é possível e os humanos também podem cooperar, amar, ser solidários, construir pontes, hospitais, escolas, fabricar perfumes, fazer pilates, nadar, andar de bicicleta, produzir música, cinema, literatura e tantas outras manifestações artísticas, ou ainda pesquisar a cura da malária, fazer transplante de órgãos e buscar novos espaços no universo.

É possível com isso ser feliz? Não, essa condição não existe. Mas podemos ter momentos bonitos, solidários, exitosos e até alegres. Também é possível manter – não com todos, claro, mas com alguns poucos – relações de profunda afetividade.

Se os humanos forem deixados à própria sorte, a possibilidade de voltarmos rapidamente à horda primitiva é grande. A barbárie, infelizmente, ronda a nossa condição. Por isso mesmo, precisamos de sociedades justas e democráticas que objetivem criar condições de bem-estar para todos. Condições de civilidade podem ser úteis para enfrentar fenômenos humanos e naturais.

PS: Todas as referências são do século passado! Vamos aguardar o que o século 21 nos reserva. ●

MARIA JOSÉ TONELLI > Vice-diretora da FGV-EAESP > maria.jose.tonelli@fgvbr